

Jornalismo Impresso na SONU 2011 – Uma análise de cobertura¹

Ingrid BAQUIT²

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente artigo analisará a cobertura jornalística da sétima SONU (Simulação da Organização das Nações Unidas), que aconteceu entre os dias 1 e 4 de setembro de 2011, feita através de veículos impressos. O objetivo é – ao comparar o processo de produção de três agências simuladas: a brasileira Folhapress, a paquistanesa Dawn e a venezuelana Tal Cual –, discutir se realmente existe uma cobertura fiel, levando em conta as características e linhas editoriais de cada uma ou se é percebida apenas uma reprodução da informação. O trabalho também apresentará como são realizadas uma simulação de Organismos Internacionais e uma cobertura jornalística internacional.

PALAVRAS-CHAVE: ONU, Relações Internacionais, Jornalismo Internacional, Jornalismo Impresso

Introdução

A diplomacia e as relações internacionais há muito tempo fascinam o ser humano. O interesse em saber como funcionam os sistemas de solução de impasses internacionais e o compromisso de respeitar as diferenças entre os cidadãos, sem discriminação de raça, credo ou posição social e de possibilitar o amplo desenvolvimento das nações é a motivação que leva o estudante a recriar um ambiente de organizações internacionais, principalmente a maior organização mundial, a ONU (Organização das Nações Unidas).

O artigo propõe-se a analisar uma dessas simulações. Ocorrida em Fortaleza, a SONU, Simulação da Organização das Nações Unidas, é um dos modelos ao redor do mundo que reúne jovens com o mesmo objetivo: ter uma experiência internacional. Reunindo estudantes e interessados de diversas áreas de ensino, os modelos tendem a focar principalmente em três campos: direito, relações internacionais e jornalismo. O presente

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará-UFC, email: ingridbaquit@gmail.com

trabalho irá focar no âmbito da comunicação, ao fazer a exposição de características jornalísticas para analisar se existe ou não diferença de cobertura ao levar em consideração as linhas editoriais de cada agência escolhida em relação ao modelo original.

É importante considerar que a SONU é um projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará e da pós-graduação da Universidade de Fortaleza, servindo como ferramenta educativa e visando o aperfeiçoamento das práticas profissionais dos participantes. Sendo assim, vale ressaltar que as agências de comunicação são simuladas por estudantes, que realizam um estudo aprofundado da linha editorial e cobertura jornalística da agência escolhida e tentam recriar de maneira fiel nos dias do modelo. Três agências foram simuladas na edição de 2011: a brasileira Folhapress, a paquistanesa Dawn e a venezuelana Tal Cual.

1 As simulações

Luz (sem data) explica que as simulações têm como principal característica serem organizadas e dirigidas fundamentalmente por estudantes que, mesmo quando têm apoio de sua universidade e professores, permanecem como o núcleo de onde emanam as ideias e decisões. Durante um modelo, estudantes de diferentes cursos, instituições e, por vezes, países incorporam o papel dos diplomatas que representam um Estado-membro de uma determinada Organização Internacional e reproduzem seus procedimentos decisórios, sejam eles formais ou informais.

Embora a simulação de organizações internacionais seja comumente conhecida como “Modelo das Nações Unidas”, a realização dessa atividade precede a criação da própria ONU. Em seu artigo, Luz (sem data) diz que já em 1920, um grupo de estudantes se mobilizou para organizar um Modelo da Liga das Nações. Contudo, foi a partir do fim da II Guerra Mundial, após a criação da ONU, que a prática de modelos se expandiu pelo globo. Os modelos de Organizações Internacionais visam a reproduzir, fidedignamente, o funcionamento de uma organização internacional, qual seja: as sessões, as discussões sobre os tópicos e a elaboração de resoluções, dentre outros. Estima-se que existam por volta de 400 conferências da ONU em 35 países do mundo e que mais de um milhão de pessoas tenham participado de modelos.

Nesse ambiente de ideias, há também um lado bastante prático de um modelo que pode ser dividido em três grandes áreas: administrativa, acadêmica e de preparação do delegado. As áreas acadêmica e administrativa têm equipes conduzidas pelo Secretário

Geral, geralmente um estudante escolhido para representar o chefe executivo da organização simulada. Ele é o porta-voz do evento, atuando de forma análoga, por exemplo, a do Secretário Geral das Nações Unidas.

2 Entendendo o Jornalismo Internacional

Para Natali (2004), o jornalismo impresso e o jornalismo internacional, que nos primórdios do jornalismo era o único tipo conhecido, não nasceram com o capitalismo. Nasceram antes, ainda com o mercantilismo. Natali diz que o jornalismo nasceu sob a forma de internacional, com o formato de coleta e difusão de notícias, produzidas em localidades distantes. A informação passa a ser comercializada para conseguir eficiência e poder por meio de negócios. A periodicidade promovida pelo jornalismo garantia que a informação chegaria com regularidade ao seu cliente, o leitor.

Aguiar (2008, p.17) diz que o Jornalismo Internacional é “uma especialização jornalística cuja definição é, por natureza, relativa.”. Ao contrário do que ocorre com as definições de tipo temáticas (Jornalismo Econômico, Político), de suporte (Telejornalismo, Radiojornalismo) ou de linguagem (Literário, Investigativo), que têm – a princípio – descrições universalmente válidas, o Jornalismo Internacional conta com a particularidade de variar seu objeto de interesse de acordo com a procedência nacional do repórter que apura e com a localização (física; geográfica) do veículo ao qual a matéria se destina. Aguiar (2008) explica que, nesta área, o que for exterior para uns não o será para outros; e o assunto que é “doméstico” para um país é “internacional” para todos os demais.

No Brasil, a editoria internacional começa com a chegada maciça dos imigrantes, que foram responsáveis pela criação de um “mercado” jornalístico para informações sobre países europeus. Natali (2004) explica que a política de importação de mão-de-obra no final do século XIX aumentou exponencialmente a procura por informações sobre seus países de origem, em sua maioria, os países europeus. A criação de uma editoria específica também se fez necessária por conta da demanda por notícias internacionais e nas consequências trazidas ao Brasil pelo acontecimento desses fatos.

Natali (2004) diz que as agências internacionais de notícias são as fontes de informações, pois, por motivos financeiros e logísticos, algumas empresas de comunicação não têm condições de manter correspondentes em vários países diferentes. Um texto vindo de uma agência custa muito menos que manter um correspondente ou um enviado.

Por servirem a vários jornais de linhas editoriais diversificadas, as agências tentam

se manter as mais superficiais possíveis, e, muitas vezes, não apresentam uma linha editorial ou posicionamento. Mas Natali (2004) acredita que essa generalização das notícias pelas agências tem como consequência um relativo apartidarismo do noticiário, não ético, mas como postura de mercado, que consegue agradar a todos os clientes.

O redator de Internacional é um jornalista que tem pouco acesso direto às fontes que estão na origem da informação publicada. Como manter um correspondente custa muito dinheiro para o veículo de comunicação, há a intermediação das agências, dos comentaristas estrangeiros de cujas colunas o jornal é assinante, dos serviços que fornecem fotografias e infográficos, entre outros, para basear suas notícias. Lida com uma diversidade imensa de assuntos, com uma complexidade incrível de conflitos. É normal que se exija dele uma qualificação diferenciada.

O jornalista responsável pela editoria de Internacional deve estar a par de todos os grandes acontecimentos mundiais e nacionais, para poder intercalá-los e apresentar as implicações dos acontecimentos internacionais para seu público-alvo. Ele precisa saber perfeitamente o inglês e de preferência, mais uma língua, para ter maior acesso às fontes necessárias.

Para o jornalismo internacional, Natali (2004), considera como valores-notícia: as guerras, embora algumas guerras tenham maior visibilidade que outras; eleições em países vizinhos ao Brasil ou influentes em termos mundiais; epidemias com seus aspectos humanos, demográficos e econômicos; inesperadas tragédias.

O jornalismo internacional tem uma característica que não lhe é exclusiva: boa parte de suas pautas é previsível. Reuniões do conselho de segurança da ONU e as negociações que as precedem, conferências temáticas (Agência Internacional de Energia Atômica) ou regionais (União Européia), viagens oficiais de governantes ou o jogo de pressões diplomáticas para solucionar algum impasse. Escapam dessa previsibilidade episódios como atentados terroristas, terremotos ou grandes acidentes aéreos, agressões militares contra um território vizinho ou ações sigilosas que apenas produzirão efeitos se efetuadas sob impacto da surpresa (NATALI, 2004. p. 95).

Para Jobim (1992), são comuns as críticas de falta de objetividade, o sensacionalismo (com o propósito de aumentar o número de leitores). A preocupação em dramatizar os fatos pode fazer com que a realidade se deforme para o leitor comum. Quanto à cobertura política, não se pode pretender absoluta imparcialidade. Não se pode exigir de agências inglesas, por exemplo, que sejam absolutamente imparciais ao relatar o conflito

entre o Irã e a Grã-Bretanha, por mais apaixonados que sejam pela objetividade das notícias.

Uma boa informação custa caro. Uma imprensa mais pobre que não obtém a informação e a interpretação por um correspondente, acaba recorrendo às agências de notícias. E elas têm a desvantagem de oferecer um serviço mais ou menos padronizado para todos os países.

A chegada da Internet às redações, porém, permite que o jornalista busque outras fontes diante dos telegramas das agências. A internet é uma ferramenta barata e de extrema maleabilidade para buscar opiniões de especialistas e informações que contextualizem a matéria bruta que as agências entregam, enviam e vendem. Além disso, facilitou o acesso às notícias para esta seção especificamente, pois, antes, notícias que demoravam dias para chegar ao país, através dos correios, chegam com apenas minutos de atraso.

3 A SONU

A Simulação da Organização das Nações Unidas (SONU) é o primeiro modelo a simular organismos internacionais no estado do Ceará. Surgiu em dezembro de 2004, ao simular a Comissão de Direitos Humanos por alunos da disciplina de Direito Internacional Público da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, UFC.

Em 2005, a SONU expandiu-se simulando, além do referido comitê, o Conselho de Segurança e a Corte Internacional de Justiça, ambos da ONU. Participaram diversos estudantes, profissionais, colaboradores e entidades para sua realização. De acordo com o site da simulação em 2010, tal iniciativa de dar continuidade ao projeto e organizar um evento de maior amplitude partiu de estudantes universitários de diversas faculdades de Direito em Fortaleza, muitos dos quais haviam participado de outros modelos no Brasil e sentiram a necessidade de expansão dessa prática.

Por ter obtido sucesso, a Simulação da Organização das Nações Unidas realizou sua segunda edição oficial de 27 de novembro a 1º de dezembro de 2006, simulando os seguintes comitês: Conselho de Segurança da ONU, Conselho de Direitos Humanos, Tribunal Penal Internacional para a Ex-Iugoslávia e o Comitê de Imprensa Internacional, com uma média de 80 participantes.

Em continuidade ao trabalho desenvolvido, em 2007, a SONU ampliou sua esfera de atuação aumentando o número de comitês: Conselho de Segurança da ONU, Tribunal Penal

Internacional para Ruanda, Estratégia Internacional para Redução de Desastres (EIRD), Organização Mundial do Comércio (OMC) e Comitê de Imprensa Internacional. Realizando-se na Universidade de Fortaleza (Unifor) de 4 a 8 de setembro, contou dessa vez com cerca de 130 participantes. A partir desse ano, a SONU passou a ser realizada em torno do feriado de 7 de setembro.

Em 2008, a SONU teve a oportunidade de desenvolver seis comitês: O Conselho de Segurança, a Corte Interamericana de Direitos Humanos, a Organização dos Estados Americanos, o Conselho de Direitos Humanos e o Comitê Internacional de Imprensa. O evento aconteceu de 02 a 06 de setembro, com aproximadamente 150 pessoas. O ponto alto do projeto foi em 2011, quando simulou sete comitês e contou com 190 participantes aproximadamente.

A SONU tem por objetivos gerais o estudo e a pesquisa em Direito e Relações Internacionais, aproximando e estimulando os estudantes oriundos das universidades cearenses, bem como, realizando o intercâmbio de experiências com todas as universidades do Brasil e demais países que realizem modelos de organizações internacionais. Agora, a simulação busca solidificar esses conhecimentos, através da produção de artigos científicos.

Na edição de 2011, a SONU simulou os seguintes comitês: Conselho de Segurança das Nações Unidas (UNSC, em inglês), a União das Nações Sul-Americanas (Unasul), Consilium (Conselho da União Européia), o Tribunal de Arbitragem da Organização Mundial do Comércio (OMC), a Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) e o Comitê de Imprensa Internacional (CII). Foi com base na cobertura da edição de 2011 que se realizou este trabalho.

4 O Comitê de Imprensa Internacional (CII)

O CII foi criado para trazer à SONU a repercussão das decisões tomadas pelos seus principais órgãos. O CII é responsável por representar a reação do povo de cada país afetado pelas resoluções, documentos e tratados assinados em cada órgão. O Comitê de Imprensa, juntamente com o Conselho de Segurança, são os únicos comitês sempre simulados em todas as edições.

De acordo com os fundadores do CII, Livia Rosas, o jornalismo é “uma reconstrução, uma interpretação e uma resignificação da realidade”. E é, a partir do olhar do jornalista, que se aproxima das pessoas, trazendo a elas, todos os dias, as melhores

notícias, criando com elas uma relação de credibilidade e envolvimento. Assim, constata-se no CII a representação da resposta popular às deliberações do Conselho de Segurança, por exemplo. Por representar essa reação do povo dos países envolvidos, o CII traz mais fervor aos debates, fortalecendo o engajamento dos delegados com a causa defendida e o próprio interesse pelo debate.

Os jornais impressos, as emissoras de TV e os portais de notícias simulados são responsáveis também pela análise crítica dos argumentos dos delegados, questionando muitas vezes a relevância de cada fato novo trazido à tona. O Comitê de Imprensa seria um termômetro crítico dos debates, aquecendo-os com informações novas ou realçando os desempenhos dos delegados.

O CII é o eixo jornalístico da SONU. É, também, o primeiro contato de muitos estudantes de jornalismo com a carreira que escolheram seguir. É a partir dessa primeira experiência que se fortalecem os conhecimentos adquiridos em sala de aula ou ainda antecipa-os, visto que muitos alunos de semestres iniciais ingressam no CII para ter um contato mais prático com o jornalismo. Essa experiência adquirida, em geral, representa a capacitação inicial do estudante para obtenção de estágio e sedimenta o interesse por algum dos três veículos da carreira: jornalismo impresso, jornalismo televisivo ou jornalismo na internet.

O comitê de imprensa funciona da seguinte maneira: são escolhidas as agências de acordo com o número e com os temas dos comitês a serem simulados, tendo sempre o cuidado de trazer agências de várias partes do mundo e com linhas editoriais bem distintas. Cada agência tem um editor-chefe, que conta com a ajuda de três repórteres. Esses jornalistas cobrem os debates da simulação, realizam entrevistas com os participantes, batem fotos e escolhem seu veículo de comunicação: impresso, telejornalismo ou internet. A simulação ainda não oferece o veículo radiofônico.

A Folhapress é a agência de notícias do Grupo Folha, uma das mais tradicionais do Brasil. A agência comercializa e distribui diariamente fotos, textos, colunas, ilustrações e infográficos a partir do conteúdo editorial do jornal Folha de S. Paulo, do jornal Agora São Paulo, do UOL e de parceiros em todos os estados do país. De acordo com o site oficial, o grupo tem compromisso “com a produção de um jornalismo crítico, moderno, pluralista e apartidário” o que assegura a geração e distribuição de um noticiário “ágil, confiável e independente”. A escolha dessa agência para a SONU 2011 como veículo impresso se deu por ela ser um dos órgãos de notícias com maior influência nas Américas e também ser

responsável pela cobertura das atividades da ONU. Além disso, O Brasil é um membro influente em todos os comitês que participa e seria interessante a presença de uma agência da mesma nacionalidade para acompanhá-lo.

Tal Cual é o jornal matutino de circulação nacional na Venezuela com notícias e informações de opinião sobre acontecimentos nacionais e internacionais, com análises aprofundadas e caricaturas incisivas. Fundado e dirigido por Teodoro Petkoff em 2000, é de aberta oposição ao governo venezuelano. De acordo com o veículo, provoca rupturas entre os meios impressos nacionais por ter uma linha editorial própria e independente. Recentemente foi multado pelo governo venezuelano pela publicação de um artigo que fazia paródia com a filha do presidente. O veículo foi escolhido por trazer uma linha editorial mais crítica e um espaço para trabalhar diversas formas de informação, como as caricaturas. Com a simulação da Unasul sobre a intervenção estatal na mídia, nada mais interessante que um veículo com participação ativa nesse debate.

Dawn é o mais antigo e mais lido jornal paquistanês de língua inglesa. É um dos dois maiores veículos de notícias, sendo o porta bandeira do Dawn Group of Newspapers, publicado pelo Pakistan Herald Publications, dono também da revista Herald e do jornal vespertino The Star e da revista de tecnologia Spider. Fundado em 1941 por Quaid-i-Azam Mohammad Ali Jinnah em Delhi, Índia, era originalmente uma publicação semanal. Hoje, conta com escritórios em três sedes, além de representantes ao redor do mundo. Sua circulação é de mais de 138 mil exemplares diários. No ano seguinte, *Dawn* tornou-se um veículo diário. Em 1944, sua circulação passou a ser nacional. Com a criação do Paquistão, o editor-chefe Altaf Husain mudou o jornal para a nova capital federal, Karachi. Por instrução do seu dono, Mr Jinnah, Dawn tornou-se o órgão oficial da Liga Muçumana Paquistanesa em Delhi e a voz muçumana na língua inglesa, refletindo e expondo a causa do grupo na Índia. Além disso, o veículo escreve artigos regularmente em jornais ocidentais como The Independent, The Guardian, The Los Angeles Times e The Washington Post.

Após dois meses de teste, a companhia lançou o primeiro canal paquistanês de notícias 24 horas em língua inglesa, Dawn News, em julho de 2007. Mas, por dificuldades financeiras, a língua passou do inglês para o urdu em maio de 2010. Os organizadores do CII consideram importante ter um representante da Ásia, pois garante uma maior diversidade de informação e uma cobertura mais completa ao abranger países que não são do interesse primordial de agências americanas. Vale ressaltar, também, que o tema do

UNSC daquele ano era sobre a situação da Caxemira (território entre Índia e Paquistão), sendo necessária uma agência que tivesse interesse direito. Uma agência indiana já havia sido simulada no ano anterior.

5 O jornalismo impresso

Pode-se atribuir a origem do jornalismo impresso, século e meio depois da invenção dos tipos móveis, a vários fatores: a estruturação de serviços de correios; a difusão, ainda que de pequena escala, da educação; melhores serviços de transporte, com o aprimoramento da criação de cavalos, a implantação de linhas de diligências e a construção de estradas entre portos e regiões de consumo. No entanto, não houve fator mais consistente do que a ambição burguesa de confrontar a aristocracia. Página 30

O jornal como se conhece hoje surge no século XIX – a começar pelo formato, que acompanha a largura da bobina das impressoras rotativas. Entre 1830 e 1870, prosperam agências de notícias: a francesa Havas, a inglesa Reuters e a americana Associated Press (todas já simuladas pela SONU em anos anteriores).

O jornalismo atual estrutura-se pelo *lead* que, como explica Lage (2005, p.58), é o “primeiro parágrafo da matéria impressa, no qual consta o fato principal ou mais importante de uma série, tomado por seu aspecto fundamental”. Propõe-se o *lead* não como invento da indústria cultural, mas como adaptação da maneira tradicional de transmitir informações singulares, principalmente dos jornais ingleses. Ele deve satisfazer a curiosidade do leitor e estimulá-lo a prosseguir a leitura. De acordo com Lage, o jornalismo tem como essência a informação. E, por ser sujeito às circunstâncias de mercado, é parte de um sistema – e não a parte mais comprometida.

O jornalismo é, sobretudo um relato de aparências, sob dois aspectos principais: é produzido às pressas, em sociedades estruturadas, com suas tensões, regras e leis, jogos de riqueza e poder; (...) e não lhe é permitido avaliar intenções e inferir a subjetividade dos personagens ou o percurso secreto das decisões em estruturas de poder.” (LAGE, 2005, p. 5).

Com as inovações introduzidas pelas reformas do período 1950-1970, a linguagem tem, nos dias de hoje, as seguintes características quanto à escolha de itens léxicos que sejam aceitos, ao mesmo tempo, na linguagem formal e na linguagem coloquial. Também é eliminado – sempre que possível – expressões que tenham cunho dúbio, palavras estrangeiras, gírias locais e jargões profissionais.

6 O jornalismo impresso na SONU 2011: análise comparativa

O noticiário é editado com base em relatos fragmentados. A cobertura diária de um evento (como uma guerra) combina dados parciais de diferentes fontes. Isso pode ser visto na cobertura jornalística da simulação. O obstáculo final é que várias testemunhas relatam a mesma realidade com discursos contraditórios. É quanto entra o fator subjetivo da interpretação de um fato.

Neste artigo, foram analisadas as duas edições de cada agência. Uma para cada dia de simulação. O jornal Tal Cual manteve sua política nacionalista e focou sua cobertura nos assuntos que envolviam o país e de interesse venezuelano. Os elementos caricaturais que fazem parte da linha editorial e do planejamento gráfico do veículo podem ser vistos logo na capa da primeira edição, do dia 1º de setembro de 2011. Com o debate sobre a intervenção estatal nos veículos de comunicação dos países da América do Sul, o jornal deu ênfase total: quase duas páginas (das quatro impressas). Seis comitês foram simulados, mais o jornal cobriu apenas os dois – Unasul e OMC – em que a Venezuela participava. Na segunda edição – do dia 2 de setembro – o foco continuou o mesmo. Quase três páginas para OMC e Unasul e apenas uma foi disponibilizada para o mais importante comitê da simulação: o UNSC.

A paquistanesa Dawn cumpriu, em parte, sua função de porta-voz mulçumano ao cobrir o debate sobre a possível independência da Caxemira. A simulação não foi completamente fiel pelo fato de ter dado o mesmo espaço para os delegados indianos. Por ser um veículo com grande visibilidade ocidental, reservou espaços consideráveis para os demais temas. Nos dois dias de cobertura, todos os comitês foram contemplados.

O Brasil teve participação efetiva no modelo e o jornal simulado da Folhapress, o Folha de S. Paulo, não teve problemas na cobertura. As páginas estavam equilibradas com informações de todos os comitês. Mesmo assim, cumpriu seu papel de ser “um jornal a serviço do Brasil” ao garantir uma cobertura eficiente dos assuntos de interesse nacional e trazer todas as temáticas para o âmbito local.

Considerações finais

Após um estudo das características do jornalismo internacional e jornalismo impresso, chega-se a uma conclusão de que a linha editorial pode influenciar na cobertura

de um evento. No caso da SONU, leva-se também em consideração os comitês com assuntos diversos e os discrepantes interesses dos países participantes.

Ao analisar o material produzido pelo jornalismo impresso dos três veículos: Tal Cual, Folhapress e Dawn, percebe-se que existe uma cobertura jornalística interdependente. É preciso ler as três edições para chegar a uma conclusão mais próxima da realidade. Com exceção da simulação da agência Dawn, que teve sua cobertura mais equilibrada e neutra quando comparada à agência original, mas nada que desqualificasse o trabalho. As demais foram fidedignas às originais. Nessa análise, deve-se levar em conta principalmente que as linhas editoriais de cada agência são peças fundamentais para sua cobertura.

Possivelmente, como acontece em qualquer redação, seja real ou simulada, o espaço para as matérias tenha sido reduzido, cabendo ao editor escolher as matérias que iam entrar e as que ficariam em *stand by*. Por conta da pesquisa feita previamente à simulação, os membros do comitê de imprensa já sabiam como deveriam agir nesses casos de cobertura. Além do trabalho do jornalista, é fundamental analisar o desempenho dos demais participantes. Para uma matéria render e ganhar espaço privilegiado no jornal, o debate e a atuação dos delegados no comitê devem ser de alto nível. Sendo assim, a riqueza de informação é um conjunto que traz a boa apuração jornalística e o bom material fornecido pelos demais participantes da simulação.

Em síntese, todas as agências fizeram seu papel de veículos jornalísticos, com ótimas coberturas. Eram estudantes esforçados, que seguiam orientações, questionavam e não deixavam o trabalho pela metade. Mesmo os que participaram pela primeira vez foram coerentes com a linha editorial da agência escolhida. Muitos iam caracterizados com símbolos de seus países, como lenços no cabelo, por exemplo. A confirmação do bom trabalho também veio pela aprovação da cobertura pelos demais participantes da simulação (que não estavam no comitê de imprensa).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Pedro. **Jornalismo internacional em redes**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

GONÇALVES, William. **Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HERZ, Monica e HOFFMANN, Andrea. **Organizações Internacionais: História e Práticas**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

JOBIM, Danton. **Espírito do Jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

LUZ, Mariana. **Diplomacia Universitária**. (sem data). Disponível em:
<http://74.125.155.132/scholar?q=cache:IHREOEtFVIYJ:scholar.google.com/+simulações+de+organismos+internacionais&hl=pt-BR>. Acesso em 06/10/2009.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

ONU, Organizações das Nações Unidas. **Carta da Organização das Nações Unidas**. Enciclopédia dos Direitos Humanos. Disponível em: http://www.onu-brasil.org.br/documentos_direitoshumanos.php Acesso em 08/10/2009.

SONU, Simulação da Organização das Nações Unidas. Disponível em: www.sonu.com.br. Acesso em: 06/05/2009.

ANEXOS



Edição do dia 1º de setembro de 2001 - Tal Cual

FOLHA DE S. PAULO

SONO 2011

*** UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

irinewsblog.wordpress.com

* QUINTA-FEIRA, 1º DE SETEMBRO DE 2011 *

1ª Edição * São Paulo



CANA-DE-AÇÚCAR. EUA e UE impõem barreiras ao etanol brasileiro

OMC discute barreiras ao etanol

Estados Unidos e União Europeia impõem barreiras comerciais e ambientais ao etanol brasileiro. Governo considera que os obstáculos são forma de esconder protecionismo

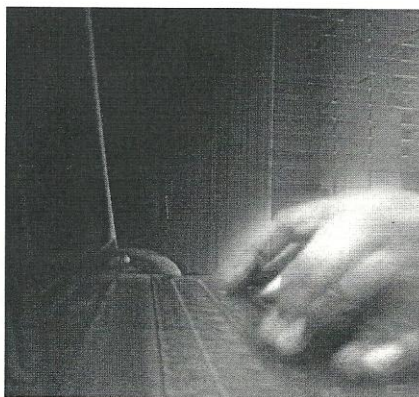
A dificuldade de ingresso do etanol brasileiro nos Estados Unidos e na União Europeia será tema de discussão na Organização Mundial do Comércio (OMC). O Brasil luta pelo

fim das barreiras ambientais e econômicas impostas ao combustível nacional. A empreitada brasileira na OMC visa o crescimento da capacidade de exportação do país. PÁG. 3

UNSC se reúne para debater ciberterrorismo

O Conselho de Segurança das Nações Unidas tenta elaborar soluções para a ameaça dos ataques hackers

PÁG. 2



ONLINE. Terroristas intensificam atividades no mundo virtual

Unasul discute intervenção estatal aos meios de comunicação

A intervenção do estado aos meios de comunicação será discutidos pela Unasul nesta semana.

PÁG. 4

Brasil e UE em mais um conflito

A disputa entre Brasil e União Europeia sobre a questão dos medicamentos genéricos e da propriedade intelectual está na pauta da OMC nesta semana.

PÁG. 3

Queda reflete EUA e Europa

Segundo o ministro da Fazenda Guido Mantega, o enfraquecimento da economia dos Estados Unidos e da Europa é a causa da queda das bolsas de valores

PÁG. 2

Declaração do Milênio será revisada

Resultados obtidos desde a sua criação serão avaliados pela Assembleia Geral das Nações Unidas.

PÁG. 4

Reino Unido propõe suporte econômico à Caxemira

Diante de um possível processo de independência de Jammu e Caxemira, a delegada britânica manifestou seu interesse em apoiar economicamente a nova nação

por Nina Ribeiro
Nova Iorque

Nas primeiras discussões do Conselho de Segurança das Nações Unidas (UNSC), realizadas ontem, as delegadas do Reino Unido, Renata Baltar e Camila Silveira, colocaram seu país a disposição para ajudar a Caxemira em sua economia.

A independência de Jammu e Caxemira foi uma das possibilidades consideradas pelas delegacias entre as discussões. O futuro da nação pareceu incerto a alguns, pois a área não é desenvolvida e dispõe majoritariamente de atividades rurais como economia. "Será mais um país pobre no mundo", disse Nadja Nogueira, delegada do Paquistão. Este contexto bastou para o Reino Unido se manifestar: "Apesar de nossas diferenças culturais e religiosas, podemos dar um bom suporte aos caxemires", disse Renata Baltar, delegada britânica.

A Índia reivindica seu direito total sobre a região e não acredita que a intervenção dos britânicos possa ser positiva. "Será mais uma colonização", afirma a delegada Priscilla Saraiva. Os representantes de Portugal apoiaram a frente de proteção indiana e se referiram à proposta feita pela delegada Baltar como uma "regressão" histórica e política.

A disputa pelas terras da Caxemira, que há mais de 60 anos vem sendo mantida por paquistaneses e indianos, culminou em baixas historicamente reconhecidas. Ainda no debate da SONU, a atmosfera de hostilidade percebida atualmente na Caxemira foram preocupações de países



Foto: Assessoria do CS/ Isabel Filgueiras
Delegadas chinesa e britânica debatem sobre o conflito entre Paquistão e Índia.

como Colômbia, Portugal e Brasil. "Esta já é uma situação de guerra. Devemos fazer algo", refletiu o delegado brasileiro João Lucas Carneiro.

Retirar as tropas presentes na região da Caxemira, tanto do Paquistão, como da Índia, foi considerada pelos delegados como primeira e urgente ação a ser colocada em prática para que os danos sejam minimizados.

No entanto, a Índia disse que suas tropas se retiraram em metade sob a condição de que a Organização das Nações Unidas (ONU) utilize tropas dos países membros para realizar as missões de paz, garantindo assim segurança aos indianos na ocorrência de novos conflitos. A Índia também se manteve contra o plebiscito, através do qual a população decidiria o futuro destas terras. A delegada indiana Priscilla Saraiva argumentou que os resultados recairiam a favor dos

paquistaneses, uma vez que 95% dessas pessoas são muçulmanas.

O Paquistão argumentou que as terras de maioria muçulmana devem ser de sua posse, seguindo regra utilizada no ano de 1947, quando o subcontinente indiano foi dividido em Índia e Paquistão. Alysson Bezerra, delegado do país, teme que uma divisão do território em duas ou mais partes pode descaracterizar a identidade do povo caxemire.

Por fim, os representantes concluíram que a aplicação de um plebiscito entre a população da Caxemira se faz necessária. "O plebiscito dará as pessoas a chance de votar pela decisão de seu futuro", disse o delegado Maurício de Oliveira Neto, da Colômbia. Os aspectos relativos ao caráter das perguntas que irão compor esta ferramenta de consulta ainda serão definidos.

Tempo rei

por Andreza Galdino
Advogada

O marco alemão e o franco francês foram mortos e sepultados com a promessa de integração e centralização europeia e o sonho de bater a libra inglesa e o dólar americano, mas nem tudo são flores.

Bastou pouco mais de dez anos para os primeiros, mas graves, problemas aparecerem, vide as recentes cenas de violência na Grécia para todo o mundo ver.

Em suma, a crise na Grécia é resultado de problemas fiscais, já que gastou mais dinheiro do que conseguiu arrecadar com os impostos. Assim, a relação do endividamento sobre PIB ultrapassou significativamente o limite de 60% estabelecido no Tratado de Maastricht de 1992, que criou a zona do euro.

A desconfiança de que os governos da região teriam dificuldade para honrar as dívidas fez com que os investidores temessem por suas ações, títulos públicos e privados europeus, eclodindo a crise.

Como sabemos a crise não é fardo apenas da Grécia, mas também de Portugal, Irlanda, Itália. E o que fazer com um País que desvirtua as regras do Tratado que criou a Zona do Euro? Alguns mencionam a exclusão destes do bloco, será? Muito improvável, excluindo esses países seria impossível alcançar uma das aspirações, a de criar organismos de centralização para superar a libra inglesa e o dólar americano, mas convenhamos que na atual circunstância torna-se ainda mais penoso.

Por ora, Grécia, Irlanda e Portugal receberam pacotes de ajuda, parcialmente financiadas pelo FMI e precisam ser fiéis às medidas de austeridade adotadas. Contudo, indubitavelmente este cenário serviu para distanciar ainda mais os países mais fortes dos mais fracos. E essa tensão representa risco, com possíveis implicações regionais e globais, mas isso só o tempo dirá.

Matéria sobre a Caxemira na edição do dia 2 de setembro de 2011 - Dawn